

# Tempo passa. Vida não melhora

"O Dia do Professor é apenas uma grande chance de sair da rotina. Não só para a gente, também para os alunos", afirma Marisa de Souza Jannoni, professora há 20 anos. Ela é casada com um professor, Édison de Campos Soares, e os dois fizeram algumas opções em suas vidas para que não precisassem trabalhar das 7 da manhã às 11 da noite, como muitos colegas seus: desistiram de ter um carro e moram com os três filhos em uma casa simples, em São Miguel Paulista, sem se preocupar com a pintura da casa ou o reboco das paredes.

"Não tenho a ilusão de que vou ter uma vida melhor, por ser professora. Mas os meus pais tiveram", afirma Marisa. Filha de um funcionário público, ela "nasceu para ser professora". Seus pais acreditavam que a única esperança de sua filha "subir na vida" seria cursando o normal: "Imagino o que devia

significar ser um professor na década de 50!"

Os dois lecionam em uma escola da Prefeitura e em uma estadual, trabalhando em dois períodos. Marisa recebe ao todo Cz\$ 23 mil e Édison, há dez anos no magistério, Cz\$ 17 mil. "Não tenho esperanças que se faça alguma coisa para melhorar o salário dos professores", afirma Édison.

Quando ele se formou, a melhor região da cidade para se conseguir dar aulas era a Zona Leste, pois muitas escolas estavam sendo construídas naquela região. Decidiram mudar-se para São Miguel, pois não achavam melhor morar em um bairro mais central e "viajar" todos os dias. "Aqui podemos ir a pé para o trabalho. Foi bom também porque tivemos contato com outra realidade de vida, diferente da nossa", diz Édison Soares.

Esta realidade diz respeito à marginalidade e a invasão de

escolas e agressão de professores. Eles lembram a história de um garoto, apelidado de Meio Quilo, que desde os sete anos pertenceu a uma quadrilha de menores e morreu esfaqueado aos 14 anos, sendo achado morto em um terreno baldio. "Como ele tinha o Zóia, que também morreu esfaqueado e muitos outros. A gente, às vezes, acaba achando tudo isto normal, principalmente pela vida que a gente leva, sem parar para pensar", lamenta Marisa.

Se existe este lado triste, Édison e Marisa afirmam que o lado "gostoso" da profissão é estar sempre em contato com jovens. "A gente pode mudar com eles e ser jovem até se aposentar. Outro dia, durante uma aula para o ginásio, eu cheguei para os alunos e perguntei: Vocês se lembram da conquista da Lua? Ai, antes que algum aluno se manifestasse, eu pensei: 'Marisa, eles só têm 15 anos, nem tinham nascido naquela época. Como o tempo passa!'"



Rolando de Freitas

O casal de professores, para sobreviver, foi forçado a algumas opções na vida